

## E a Ucrânia aqui tão perto!

*O que está em causa é a ordem de segurança europeia, mas em matérias de segurança e defesa a UE está desaparecida em combate.*

**Nuno Severiano Teixeira | Público | 26 de Janeiro de 2022**

Há anos que a Rússia move uma guerra híbrida contra a Ucrânia. Na semana passada um ciberraque invadiu os *sites* do governo ucraniano. Um exército de mais de cem mil militares russos está concentrado na fronteira da Ucrânia e batalhões táticos mobilizados na Bielorrússia, num movimento militar que simula um ataque em duas frentes. O leste da Ucrânia está em pânico, o país em estado de alerta e o mundo em suspenso. Putin diz que não. Que não haverá invasão nenhuma. Então, que significado tem tudo isto? E o que quer Putin com esta gesticulação diplomática e militar?

Vamos por partes. Houve um tempo em que as guerras começavam com uma declaração e acabavam com um tratado. Foi assim na I e na II Guerra Mundial. Começavam com uma declaração de guerra e acabavam com um tratado de paz. Que marcava, simbolicamente, os vencedores e os vencidos, inscrevia a vitória na geografia política e fundava uma nova ordem internacional. Na Guerra Fria não houve declaração de guerra nem tratado de paz. Mas nem por isso deixou de haver vencedores e vencidos. Ora, a forma simbólica de marcar a vitória do Ocidente e a derrota da União Soviética foi o alargamento da NATO e depois da UE aos antigos inimigos do Pacto de Varsóvia. Acabou com a divisão da Europa em duas e integrou todo o continente no modelo ocidental da economia de mercado, da democracia liberal e da ordem multilateral.

Putin considera o colapso da União Soviética “a maior catástrofe geopolítica do século”. Uma catástrofe que deixou a Rússia rodeada de estados independentes, soberanos e, pior do que isso, democracias liberais. Ora é esse o verdadeiro significado deste movimento: mudar a ordem pós-guerra fria na Europa. Foi sempre esse o seu desígnio: restaurar o autoritarismo no plano interno e a zona de influência russa no plano externo. Duas faces da mesma moeda.

Não se trata de restaurar o império. A grandeza é mais modesta. Trata-se de assegurar uma vizinhança dependente, subserviente e sobretudo que não espalhe o mau exemplo da democracia. A Bielorrússia de Lukashenko é o aluno do quadro de honra. A Ucrânia, cada vez mais independente, democrática e pró-ocidental, o mau aluno que precisa de correctivo.

Irá o correctivo até à invasão? Não sabemos. Putin é um actor racional e talvez os custos não paguem os benefícios. Teria desde logo o efeito contrário: reforçar o sentimento anti-russo na Ucrânia e aproximá-la do Ocidente. Encontraria resistência do exército ucraniano e teria elevados custos humanos. Como teria pesados custos económicos que as sanções anunciadas pelos EUA e a UE implicariam: a exclusão do sistema de transferências financeiras internacionais (SWIFT) e a privação da sua maior fonte de rendimento, com fecho do Nord Stream 2.

Mas o espectro da invasão já valeu a Putin um objectivo: trazer os EUA à mesa das negociações, afastar a UE e apresentar o seu caderno de encargos para a revisão da ordem europeia pós-guerra fria. Em três pontos: o fim do alargamento da NATO; a não colocação de armas ofensivas na Europa que possam atingir território russo; e a retirada de armamento e infra-estruturas militares dos países que aderiram à NATO depois de 1999. Ora, o alargamento está inscrito no

tratado fundador e é uma prática da Aliança desde 1952. E o sistema de defesa da NATO só pode ser definido pelos seus membros e não por países terceiros. Significa, isto que quaisquer garantias formais e vinculativas às exigências russas devem estar fora de causa.

Pode haver, porém, espaço para moratórias ou outros arranjos políticos em questões menores que permitam uma saída negociada. Mas a Rússia, aparentemente, na ofensiva, colocou-se, pelo contrário, numa situação de difícil saída. Porque, ou avança a invasão e sofre todas as consequências, ou aceita os pequenos ganhos e retira as suas tropas. Em ambos os casos não poderá cantar vitória. Sobretudo, se não mudar o governo em Kiev.

Era bom que Macron não atrapalhasse, porque o importante aqui não é o gaullismo francês, é o gasoduto alemão

O que está em causa é a ordem de segurança europeia, mas em matérias de segurança e defesa a UE está desaparecida em combate. A Rússia despreza-a e quer separá-la dos EUA. Os EUA não permitiram, mas têm outras prioridades. O que pode fazer a UE em sua defesa? Precisamente, o contrário do que a Rússia pretende: cooperar com os EUA; unificar os Estados-membros contra a mesma ameaça; e usar a arma mais poderosa neste conflito: o [Nord Stream 2](#).

Era bom que Macron não atrapalhasse, porque o importante aqui não é o gaullismo francês, é o gasoduto alemão.

<https://www.publico.pt/2022/01/26/opiniao/opiniao/ucrania-aqui-tao-perto-1993098>